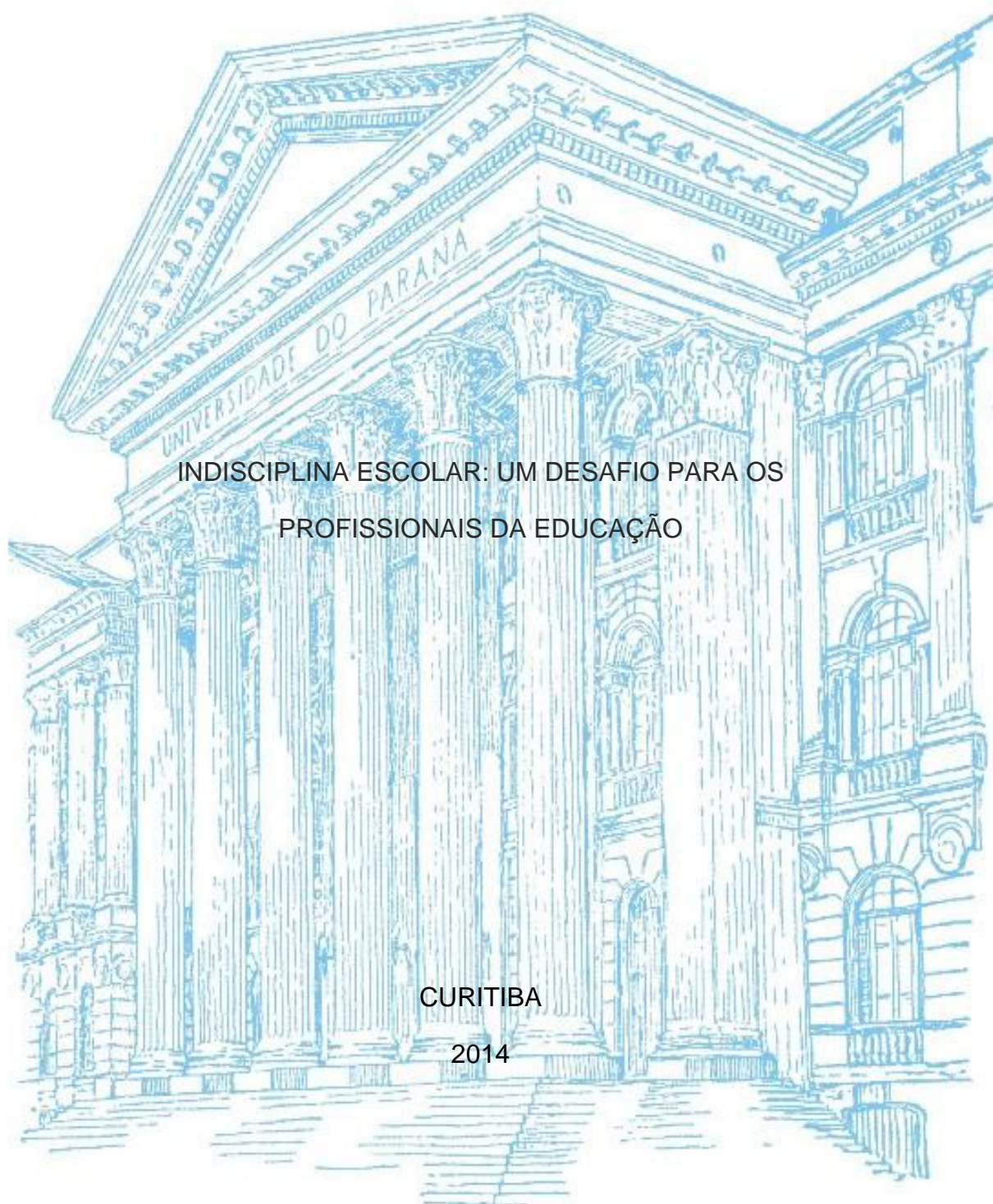


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JOSILENE MARGONATO DE OLIVEIRA SILVA



INDISCIPLINA ESCOLAR: UM DESAFIO PARA OS
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JOSILENE MARGONATO DE OLIVEIRA SILVA

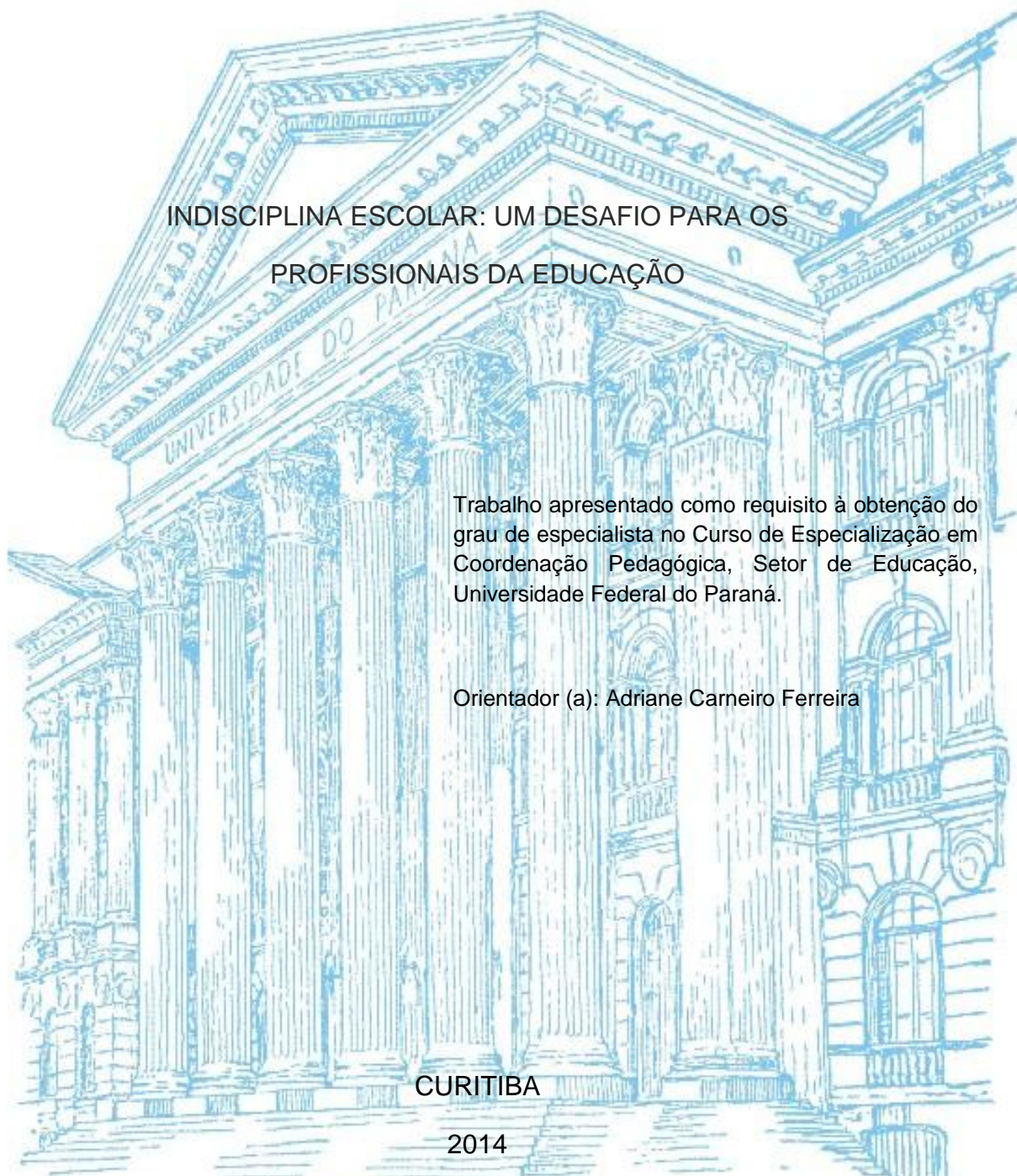
INDISCIPLINA ESCOLAR: UM DESAFIO PARA OS
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Adriane Carneiro Ferreira

CURITIBA

2014



INDISCIPLINA ESCOLAR: UM DESAFIO PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Josilene Margonato de Oliveira Silva*

RESUMO

O presente artigo aborda o tema indisciplina em sala de aula, fato que afeta a aprendizagem dos alunos, tornando-se muito preocupante para professores e pais. Para entendermos melhor o assunto, inicialmente é explorado o que é disciplina e a falta dela, a indisciplina, a partir de referencial teórico. Também é abordado como os professores se posicionam a respeito do assunto e a importância do trabalho conjunto com a família. Apresenta ainda que um dos problemas recorrentes em voga, presentes em relatos dos professores para justificar a indisciplina, é ausência de interesse e de limites dos alunos. Mas, também aponta a importância do trabalho pedagógico realizado como minimizador das questões disciplinares. Assim, este trabalho indica o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar como instrumentos de ação essenciais para as instituições de ensino organizarem sua prática pedagógica e interna. Acreditamos, com base no levantamento, que os elementos básicos para a superação dos problemas de indisciplina são: a participação dos sujeitos envolvidos na construção de regras de convivência, o afeto, a escuta, a confiança, o trabalho coletivo e a motivação. Além de um trabalho docente efetivamente preocupado com a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os alunos.

Palavras-Chave: Disciplina. Indisciplina. Trabalho Docente.

* Artigo produzido pela aluna Josilene Margonato de Oliveira Silva do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Professora Mestre Adriane Carneiro Ferreira. E-mail profjosimargonato@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade debater sobre a questão da indisciplina escolar. Problema recorrente na fala dos professores e que interfere negativamente no processo de ensino e aprendizagem, sendo preocupação dos profissionais de ensino, alvo de exposições na mídia e tema de estudos e debates.

Para isso, nesta pesquisa, analisar-se-à alguns aspectos do assunto estabelecendo relação entre experiências vividas no desempenho docente e reflexões desenvolvidas a partir de conceitos apresentados por autores que estudam o assunto abordado.

O procedimento aqui adotado, inicialmente, buscará trazer dados teóricos sobre o assunto, refletindo sobre estes dados a partir de análises efetuadas sobre o que os participantes do processo ensino, no caso professores, relatam em relação ao tema para, em seguida, elaborar uma síntese com uma visão mais ampla do assunto.

Assim, são trazidos dados da escola e de seus profissionais. Dados estes colhidos através da observação vivenciada nesse espaço educativo durante o período de trabalho, na sala dos professores, nos corredores escolares, nos encontros e reuniões pedagógicas. Também pelo questionamento realizado com os doze professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola municipal do município de Ibiporã – Paraná, sobre a temática.

É importante salientar que a maior parte deles não vê problemas na forma do ensino, mas sim, apontam como principal fator do desinteresse e da indisciplina seria a falta da participação da família na vida escolar do aluno.

A partir destas experiências e da abordagem teórica será realizada a análise da questão investigada na tentativa de buscar possíveis soluções para os problemas levantados.

Pretende-se aqui, apresentar elementos sobre como o professor pode interagir com os alunos no ambiente escolar para que tomem consciência de seus comportamentos e possam, de alguma forma, melhorar as relações no processo ensino aprendizagem.

Sobre a questão do relacionamento professor /aluno/ espaço educativo, procuramos exemplificar os diversos tipos de professores e como eles lidam com a questão da indisciplina. Pois, devido a necessidade de enfrentamento da situação,

o professor precisa resgatar sua autoridade, por meio da competência e do domínio teórico e prático dos conteúdos propostos, bem como pelo respeito as diferenças individuais, como a desigualdade econômica, às diferenças de cultura e de conhecimentos presentes numa mesma sala de aula.

Este artigo busca oferecer um olhar sobre a indisciplina escolar, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Reforçar a importância docente através da conscientização sobre a essencialidade e especificidade de sua função a qual precisa para além de ampliar seus encaminhamentos didáticos e metodológicos, estimular os alunos, envolver-se com os seus problemas, suas dificuldades, respeitando suas necessidades, visando avançar positivamente tanto no domínio dos saberes escolares como na formação pessoal e cidadã dos mesmos.

1. INDISCIPLINA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES

Um assunto constante em reuniões pedagógicas sobre a falta de aproveitamento no processo de ensino aprendizagem, geralmente destacado pelos professores, refere-se à indisciplina na sala de aula. Os fatos ocorridos em sala de aula variam de brigas entre os alunos, destes com os professores, respostas grosseiras, uso de palavrões, falta de respeito, a não participação nas aulas e a perturbação do bom andamento delas.

Sobre as causas de indisciplina, apontam como principais motivadores as questões de origem familiar como à falta de atenção dos pais, falta de autoridade. Alguns docentes, no entanto, não eximem os próprios professores como causa e estes alegam que a indisciplina, desencadeadora das dificuldades de aprendizagem, pode acontecer, também, devido à forma de condução das atividades, os encaminhamentos realizados, a falta de acompanhamento dos alunos. Estes fatores propiciariam o pouco ou nenhum envolvimento dos alunos na sala de aula abrindo espaço para que a indisciplina se propague. A desmotivação pela falta de compreensão do conteúdo e o número excessivo de alunos em sala, também contribuiriam.

Em situações de alunos indisciplinados, os professores relatam que procuram resolver chamando a atenção dos mesmos, tentam conversar para

conscientizá-los, levam para a coordenação pedagógica ou direção e, muitos, contatam os pais e solicitam a presença dos mesmos para exposição da situação.

Mas o que realmente causaria a indisciplina? E como lidar com situações indisciplinadas?

Muitas vezes o que parecem ser atitudes indisciplinadas para alguns professores, podem não ser para outro. Por se tratar de um assunto bastante amplo e divergente, para abordar esta questão, torna-se necessário discuti-la correlacionando-a a outros fatores: relacionamentos familiares, motivação, desempenho do professor em sala de aula, influência da mídia, considerar as mudanças comportamentais da sociedade, das crianças em comparação a outras gerações. Assim, inicialmente, necessitamos conceituar o que seja disciplina entendendo a ausência desta como indisciplina e como ela será abordada neste trabalho.

1.1 - DISCIPLINA X INDISCIPLINA

Para melhor compreensão e direcionamento do assunto desta pesquisa, partiremos do pressuposto de que indisciplina seria ausência de princípios contidos na disciplina. Assim, consideramos viável iniciar os trabalhos definindo o que seja disciplina.

No dicionário Aurélio encontramos para o termo “disciplina” a definição de “[...] regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc). Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de preceitos ou normas” (FERREIRA, 1986, p. 479).

Em pesquisa realizada por Vasconcellos (1995), com professores de ensino fundamental público e particular, o autor nos apresenta concepções parecidas quanto à disciplina:

Disciplina em sala de aula é respeitar as normas pré estabelecidas, pelo professor e pela escola; disciplina é saber se comportar no ambiente escolar, com coerência com todos os que o frequentam, procurando participar positivamente em todas as atividades programadas. Disciplina é o comportamento adequado do aluno no ambiente da instituição escolar, respeitando colegas, professores, funcionários, coordenadores e diretores, estando sempre atento às aulas e disposto

para qualquer atividade a ser desenvolvida. (VASCONCELLOS, (1995, p. 80)

Em uma visão bastante crítica, Vasconcellos (1995), diz que a maioria dos professores geralmente entende a disciplina como a adequação do comportamento do aluno aquilo que ele deseja. Só seria considerado disciplinado o aluno que comporta-se nos padrões determinados por ele, mesmo que nem sempre corretos ou adequados. O que de fato não descaracteriza o termo, visto que para Ferreira (1986) a subordinação do aluno ao mestre também seria uma das definições do termo.

Segundo Içami Tiba (1996) pesquisador sobre o tema e as relações familiares, a palavra disciplina carrega em si um ranço de autoritarismo e de falta de diálogo que era comum no comportamento de gerações anteriores. Assim, atualmente, disciplina tem sido concebida de forma bastante liberal, sendo que alguns pais sentem até certo mal estar diante dessa palavra, a ponto de praticamente a excluírem da educação dos filhos, de forma que, em um pretense modernismo, alguns adultos que lidam com crianças e adolescentes, parecem considerar a disciplina desnecessária.

Colaborando com esta concepção, Haydt (2000) coloca que é muito importante a contribuição do ambiente no qual a criança vive, principalmente no que se refere ao tipo de relações sociais que ela mantém com os adultos com os quais convive e interage. Sendo assim, a criança precisa, desde cedo, participar juntamente com o adulto da elaboração das normas e regras de comportamento, com isso poderá atingir a autodisciplina.

Neste pressuposto, sobre disciplina, para Terezinha Fram (1968) citada por Haydt (2000, p.42),

A pessoa disciplinada 'é aquela que dá ao seu comportamento uma direção inteligente, isto é, uma direção que supõe um autocontrole, um controle interno e consciente dos impulsos da vida e das motivações. Disciplina no que diz respeito à vida do indivíduo é aquela capacidade que ele tem de orientar inteligentemente o seu comportamento, sabendo manipular as forças do ambiente com o qual interage, seja este o universo físico, seja o mundo cultural e das instituições, ou seja, o mundo das pessoas. É disciplinado o ponto de vista da interação com o universo físico quem conhece as suas leis e as utiliza para o bem comum. É disciplinado do ponto de vista da interação com o mundo cultural e das instituições quem conhece as leis sociais e consegue entender o que a sociedade está exigindo dele, atuando para aprimorar essa cultura e essas instituições. É

disciplinado do ponto de vista da interação com os seres humanos que consegue desenvolver um conjunto de atitudes no sentido de entender os outros e adaptar o seu comportamento às diferentes situações em que vai atuar.

Pelo exposto, esta pesquisadora já apontava há mais de 40 anos o que ainda hoje se discute. A forma correta de se conceituar disciplina.

Aqui, neste trabalho, entendemos que a disciplina deve ser considerada como uma construção mútua, onde o aluno vai conduzindo e dirigindo o seu comportamento de forma a construir a sua vida e sua cultura mediado pelos demais adultos. Sujeitos que com ele interagem.

Temos clareza que como todas as construções sociais o conceito de disciplina modificou-se seguindo o contexto histórico. Passando gradualmente de um conjunto de proibições e punições, de uma disciplina rígida e severa, baseada no medo e visando unicamente a obediência às normas impostas pela coerção, para nas sociedades democráticas ser vista como um conjunto de princípios e regras elaborados pelas pessoas, através do contato com a realidade e da interação com os outros, e interiorizados pela aprendizagem, pela tomada de consciência das exigências da vida pessoal e social, e pela busca da autonomia através da atividade livre.

No entanto, como contraponto, temos a indisciplina, tão presente em nossas salas de aula, fato este que o professor não consegue controlar, surgindo o questionamento de como está ocorrendo esta relação entre os sujeitos e a realidade e a formação desta consciência cidadã.

Os professores, todavia, se sentem sobrecarregados, pois precisam fazer com que os alunos permaneçam na escola e que tenham progressos qualitativos, no entanto, muitos encontram na indisciplina escolar um obstáculo difícil de ser superado.

1.2 - INDISCIPLINA ESCOLAR E O DESEMPENHO DOCENTE

A indisciplina interfere de maneira crescente no contexto escolar, no que diz respeito ao processo ensino aprendizagem, gerando graves obstáculos pedagógicos, os quais refletem nos alunos de todas as idades e classes sociais.

Por ser um problema causado na instância social, a partir da realidade vivida e das interações realizadas entre diferentes sujeitos com concepções diversas, a escola acaba tendo dificuldades de construir regras coletivas, consensuadas, que muitas vezes difere das concepções da própria família do aluno, fato que dificulta muito os trabalhos pedagógicos, a interiorização e tomada de consciência dos preceitos sociais e assim da autonomia responsável.

Portanto, a parceria família-escola, por ser o primeiro e mais importante grupo social ao qual a criança pertence, é realmente essencial para que a promoção do ensino aprendizado aconteça satisfatoriamente.

A ausência da postura da família, todavia, vem causando um mal estar em muitos professores que se sentem impotentes frente a tais problemas. É frequente ouvir de professores que uma das razões do problema do fracasso escolar, dentre outras, seria a identificação de uma figura muito polêmica: o "aluno-problema". (VASCONCELLOS, 1995).

Dos professores pesquisados quanto ao termo aluno-problema os mesmos os caracterizaram como: aquele que não quer aprender, que atrapalha o bom andamento das aulas, que interrompe e causa transtornos ao processo de ensino prejudicando a aprendizagem sua e a dos demais alunos. Ou ainda o aluno é tido, em específico, como aquele que padece de supostos distúrbios psicopedagógicos, que podem ser de natureza cognitiva, distúrbios de aprendizagem ou de natureza comportamental.

Quando os alunos não conseguem um bom resultado dificilmente os professores atribuem os resultados ruins ao seu próprio desempenho, preferindo estabelecer como culpados somente os alunos, rotulando-os. E isto ficou caracterizado pelo que os professores ouvidos disseram.

Segundo Aquino (1998, p. 2)

Ao destacar o aluno-problema como um empecilho ou obstáculo para o trabalho pedagógico, a categoria docente corre abertamente o risco de cometer um sério equívoco ético, que é o seguinte: não se pode atribuir aos sujeitos escolares, no caso os alunos, toda a responsabilidade pelas dificuldades e contratempos de seu trabalho."

Pois bem, o que fazer, então? "Um primeiro passo para reverter essa ordem de coisas talvez seja o docente repensar os seus posicionamentos, rever algumas supostas verdades que, em vez de auxiliar, acabam sendo armadilhas que apenas justificam o fracasso escolar, mas não conseguem alterar os rumos e os efeitos do trabalho cotidiano.

Na forma de entender o fenômeno disciplinar, observamos que algumas explicações usualmente utilizadas para a indisciplina acabam confirmando alguns preconceitos, falsos conceitos e outras tantas explicações para a exclusão ou fracasso escolar.

Segundo Aquino (1996, p. 20) “[...] diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia e para isentar-se dos resultados ruins em seu trabalho, alguns professores, acabam se colocando como tarefa principal a normatização moral dos hábitos do aluno para que, a partir disso ele possa indicar um culpado”.

No trabalho pedagógico esta situação é desaconselhável, pois na relação pedagógica existe um contrato implícito, um conjunto de regras funcionais que precisam ser conhecidas e respeitadas para que a ação possa se concretizar a contento. E é curioso constatar que os próprios alunos têm uma clareza impressionante sobre a prática pedagógica. Sem dúvida nenhuma, eles sabem reconhecer quando o professor está exercendo suas funções, cumprindo seu papel.

O professor competente e comprometido com seus deveres é reconhecido pelos alunos, que sabem cumprir e respeitar as regras quando lhes são bem colocadas, da mesma forma que também distinguem quando o professor deixa a desejar em sua função.

Nesse sentido, a indisciplina pode ser uma resposta ao abandono ou à falta de habilidade docente. Dependeria do papel exercido concretamente na ação em sala de aula pelos docentes a clareza, ou não, pelos alunos quanto ao seu próprio papel, complementar ao de professor. Os alunos refletiriam em suas ações um pouco da imagem das próprias atitudes dos professores (AQUINO, 1998).

Sendo assim, o comportamento do aluno pode ser compreendido como um instrumento que sinaliza a relação do professor e a qualidade do desempenho de suas funções.

Diante, portanto, da indisciplina vivenciada e a partir do já exposto, o professor que decidir enfrentar o desafio deve estar consciente que a aprendizagem é um processo que envolve diversos fatores externos a sala de aula, citamos os cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais.

O aprofundamento de estudos da psicologia no campo da educação

demonstrou a importância de um processo educacional com objetivos formativos precisos, por um lado solicitando e organizando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais e, por outro lado, favorecendo o fortalecimento de comportamentos e atitudes e a autonomia. A escola passou a ser ambiente onde a criança pode experimentar as mais variadas possibilidades de troca, de construção de planos de ação, de lazer e descontração e de estímulos cognitivos (CURY, 2003).

Segundo Libâneo, portanto

Um projeto educativo deve ter como base a intervenção educativa nas trocas sociais, através de relações que progressivamente se entrelaçam e se aperfeiçoam entre a criança e o adulto, o aluno e o professor, num ambiente motivador, privilegiando atividades e brincadeiras de livre descoberta, criando um conjunto de significados compartilhados, uma espécie de história social, pois o processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação. Esse processo se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente seus professores e colegas (LIBÂNEO, 2001, p.43).

É preciso então que a escola discuta com seus alunos, seus direitos e que compreendam seus deveres. Acreditamos que se a escola prioriza a participação dos alunos, sua família na construção do seu projeto institucional, apresentado pelo Projeto Político Pedagógico e das normas de vivência coletivas pelo Regimento Escolar minimiza os efeitos conflitantes no interior da escola.

Ao participar da elaboração das regras as famílias e alunos também sentem-se mais acolhidos e pertencentes a um espaço que também lhes é seu. Quanto à proposta pedagógica se pensada no coletivo reflete na qualidade do trabalho docente o qual estaria em sintonia com algo mais amplo, uma proposta que realmente atenderia as necessidades e expectativas próprias daqueles sujeitos.

Os professores conhecedores destas questões teriam mais subsídios para planejarem, executarem e avaliarem o processo ensino e aprendizagem, diminuindo a exclusão dos alunos, atendendo suas necessidades específicas e motivando-os para novas aprendizagens.

Para Rosenshine (1986 apud Bressoux, 2003) os professores eficazes

iniciam a tarefa por uma revisão, se asseguram do bom domínio dos conhecimentos prévios dos alunos antes de abordar um novo conteúdo, ensinam em pequenas etapas, se assegurando, a cada vez, se o conteúdo foi apropriado e insistindo fortemente nos pontos importantes do que está sendo explicado. Isso não quer dizer que o ritmo seja lento, ao contrário, é um ritmo sustentado e ligado buscando os melhores desempenhos.

Além disso, acreditar na capacidade do aluno em aprender, elogiar, adotar um comportamento de incentivo e os convencer que eles podem se sair bem, faz toda a diferença, despertando intrinsecamente no aluno o desejo de aprender.

Segundo Freire (2000) a criança deveria ter liberdade para escolher o que gostaria de aprender, e o ensino deveria ser um desafio, onde cada uma buscasse respostas para suas curiosidades e não uma coisa monótona, capaz de dar sono.

O interesse é indispensável, nas situações escolares, para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento, se o aluno não estiver motivado, com vontade de aprender naquele momento, certamente tenderá para conversas desnecessárias.

Em Ibiporã, município onde localiza-se a escola pesquisada, foi realizado alto investimento em estrutura física, equipamentos tecnológicos, materiais didáticos pedagógicos para as escolas municipais. No entanto, verifica-se uma fragilidade muito grande em relação aos professores na aquisição de novas metodologias, muitos não buscam capacitar-se e não fazem uso destes recursos didáticos.

Alguns alegam que não sabem utilizar de novas ferramentas tecnológicas, outros parecem não querer mudar a prática que realizam já há algum tempo achando que coisas “novas” não dão certo. Nota-se uma situação de comodismo ou conformismo, onde existe a falta de mobilização e motivação para buscarem novos conhecimentos.

Podemos percebermos uma falta de compromisso do professor, como coloca Vasconcellos:

Para estes professores, os alunos “problemas, seja por aproveitamento ou

por disciplina, não são encarados como um desafio pedagógico, mas sim como “um peso”. Entendem que o que devem fazer é simplesmente dar a sua aula, do jeito que sempre deram e os alunos que se virem para acompanhar. Ou seja, o professor se recusa a fazer uma autocrítica; acha que o problema está no aluno, na família, na escola, no sistema, etc. Fala do aluno como um ser já deformado, apático, dispersivo, sem controle das emoções (1995, p.67).

Torna-se necessário ao professor procurar entender os alunos chamados de “problemas”, assumir uma postura na busca de alternativas para ajudá-los, deixar de reclamar, ficar buscando culpados e mobilizar-se na tentativa de mudar este quadro.

O profissional professor, tem de trabalhar com a realidade que tem em sala de aula, não adianta ficar se lamentando, depositando ou procurando culpados. São estes os alunos que tem, a situação encontrada é esta. Para isso, deve superar as explicações do novo senso comum pedagógico: são problemas familiares, afetivos, carência ou influência da mídia.

Conforme Vasconcellos (1995, p. 67), “[...] o professor tem de aceitar o aluno que tem. Primeiro aceitar, depois tentar mudar. O aluno deve sentir-se aceito para estabelecer relações, caso contrário se fecha e não há forma de interação”.

Outra vez ressaltamos que o professor que confia na capacidade do aluno o levará a confiar na competência do professor, assim se conquista uma relação educativa com vínculo de confiança mútua.

Ainda sob o ponto de vista de Vasconcellos (1995), o professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina: primeiro por estar em contato direto com os alunos; segundo por ser o profissional da educação e terceiro por ser, potencialmente, um dos mais interessados em resolver este problema.

A escola é uma representação das contradições da sociedade. Os professores não estão imunes ao medo do desemprego, as pressões profissionais, ao estresse do dia a dia. Tais pressões geram uma dose de agressividade e autoritarismo que também influenciam os alunos. Ela deve se libertar desses conflitos e se diferenciar da sociedade, estimulando o espírito de cooperação, promovendo um ambiente de aceitação e estabelecendo regras humanizáveis. Além disso, o vínculo estabelecido entre professor e aluno faz toda a diferença.

2. A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO

A confiança do professor em relação às habilidades do aluno é uma importante abordagem a se fazer: quanto maior a confiança do docente, maior será o empenho do aluno no sentido de tentar superar as expectativas. Nesse sentido, destacamos a importância da qualidade do vínculo estabelecido entre o professor e o aluno, e da afetividade no processo educativo. Tiba (1996, p. 31) afirma “[...] o leite alimenta o corpo. O afeto, a alma. Criança sem alimento fica desnutrida. Criança sem afeto entra em depressão”.

O exercício da afetividade na pedagogia permite que o professor conheça melhor seu aluno e suas particularidades e reais necessidades. Assim,

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes (CUNHA, 2008, p 67).

O uso da “pedagogia afetiva” pode melhorar não só o relacionamento professor-aluno, mas também a questão cognitiva do aluno, conforme CURY nos coloca,

[...] a afetividade deve estar na práxis do educador [...] os educadores, apesar de suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas e sim por seres humanos. (2008, p.48)

Portanto, segundo os autores sentir-se amado é fator determinante na vida do aluno, que sentirá o desejo de aprender, fato que elevará sua autoestima e o deixará mais feliz.

Há de se considerar, no entanto, a complexidade de ação educativa a qual precisa ocorrer a partir da compreensão por parte dos seus profissionais das diferentes dimensões que a mesma assume. Conhecimento, reflexão e bom senso, são fundamentais para uma prática que vise atender a todos.

Neste sentido é impossível aceitar a falta de uma prática docente que não esteja estabelecida a partir de relações democráticas, do diálogo, do respeito

mútuo, do respeito às diferenças e aos saberes dos alunos, da diversificação na forma de trabalho, da visão do aluno como sujeito no processo de aprendizagem, da autonomia intelectual como meta educativa, da sala de aula como espaço de criatividade e liberdade.

Para tanto, a postura do professor relaciona-se diretamente com a construção de uma prática educativa que garanta um clima de trabalho agradável, organizado por meio de regras claras e bem definidas e coletivamente construídas.

O professor consciente da necessidade de afetividade no processo educacional apresenta interesse pelo aluno e pelo seu trabalho, estabelecendo vínculos, que em consequência disto, proporcionam melhoria no processo de ensino e de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados, entendemos que os atos de indisciplina, registrados nas salas de aula, em específico na escola pesquisada, falam de uma diversidade de processos socializadores que mobilizam as pessoas a assumirem diferentes formas de se relacionarem com as coisas, com as regras e com o outro, as quais muitas vezes fogem de um padrão geral concebido como correto para aquele grupo e momento.

Notoriamente foi possível perceber que os atos de desrespeito, de ofensa, podem ser frutos de problemas sociais e, quando muito, familiares. Mas que também podem ser desencadeados por questões de organização escolar, encaminhamento docente dos conteúdos trabalhados e por falta de estabelecimento de vínculos afetivos entre os docentes e alunos.

Os dados levantados, do grupo de docentes pesquisados, sugere como caracterização de aluno indisciplinado, fatores relacionados somente à questões relacionadas ao próprio aluno e ou a suas famílias omitindo às questões de ordem institucional e da profissão. Sendo que a indisciplina aparece como a figura mais presente nos relatórios de final de ano para justificar repetências e evasões.

A postura adotada por alguns professores, no entanto, pode ser motivadora de mudanças no quadro e minimização dos efeitos negativos da

indisciplina. Atitudes como o não enfrentamento direto quando de conflitos, o saber ouvir, a preocupação com a aprendizagem e o envolvimento de todos durante as aulas, a construção coletiva de regras, o domínio dos conteúdos e a qualidade do planejamento.

Eles tomam a educação como um desafio diante do novo indo além da regulação e da punição. Preocupam-se com a socialização do educando durante o processo de aprendizagem e com sua construção coletiva.

Salientamos ainda que é impossível os alunos não trazerem para a escola aquilo que constroem fora dela, e que de fato suas construções não estão sempre em “sintonia” com o que a instituição espera ou idealiza como correto o que afeta diretamente os professores, os quais encontram dificuldades para receberem estes alunos e ajudá-los, reconstruí-los em outras direções porque faltam-lhes, muitas vezes, recursos, caracterizados por investimentos pessoais, profissionais e até humanos.

Por isso, a escola eficaz, deve pensar em uma proposta onde todos: professores, pais e alunos sejam construtores de um fazer diferenciado e que possibilite avanços no ato de ensinar e aprender.

A escola assim se tornará mais atraente, mais interessante vislumbrando uma vida melhor, pela educação, sem excluir ninguém deste processo, mesmo aqueles considerados indisciplinados.

Sendo assim, acreditamos na importância que o professor possui no dia a dia da sala de aula como agente formador do aluno que reconhece, respeita e estimula o seu potencial, motivando-o a buscar novas e infinitas razões e formas de aprender. Ele pode ser o fator responsável por fazer a diferença.

Em síntese, acreditamos, com base no levantado, que os elementos básicos para a superação dos problemas de indisciplina são: a participação dos sujeitos envolvidos na construção de regras de convivência, o afeto, a escuta, a confiança, o trabalho coletivo e a motivação. Além de um trabalho docente efetivamente preocupado com a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. (org.) **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, N.2, jul/dez. 1998.

BRESSOUX, PASCAL “**O Efeito-Escola e o Efeito-professor**” **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 38, dez 2003.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: SEXTANTE, 2003.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HAIDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001

ROSENSHINE, B. (1986) . Vers un enseignement efficace des matieres structures. Un modele d'acotion inspiré par le bilan des recherches processus-produit, in CRAHAY, M. et LAFONTAINE, D (eds) Lart et la science de l enseignement, Belgique:Editions Labor, pp. 81-96 in: **BRESSOUX PASCAL, Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 38, dez 2003.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Algumas Observações sobre a mudança na prática**

da Avaliação. In: **Revista de educação A.E.C.** Ano 24, nº 14, jan/mar, 1995